

# A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento  
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária  
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

### PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO <sup>1</sup>	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>44</b>
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS <sup>1</sup>	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana	
Rodrigo Dutra Gomes	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros	
Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira	
Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler	
Benhur Pinós da Costa	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>149</b>
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola	
Evandro César Clemente	
Nestor Persio Alvim Agrícola	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa	
Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>168</b>

## REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO<sup>1</sup>

### Átila de Menezes Lima

Prof. Adj. do curso de Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)  
Senhor do Bonfim - Bahia

### João César Abreu de Oliveira Filho

Prof. Adj. do Deptº de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Fortaleza - Ceará

**RESUMO:** Este artigo aborda reflexões teórico-metodológicas a partir de uma perspectiva ontológica lukacsiana para a interpretação geográfica. O texto em específico tem como pretensão estabelecer reflexões para a ciência geográfica no que concerne a análise da escala de compreensão da dialética universal-particular-singular no processo de entendimento da realidade enquanto totalidade. Entendemos que a temática da escala é bem diversa e cara a ciência geográfica, perpassando por questões que vão desde a escala numérico-cartográfica, de questões da escala com um recorte espacial dissociada da escala temporal, de questões da escala do planejamento e do recorte de ações estatais por parte do Estado, assim como o debate da escala do desenvolvimento geográfico desigual, oriunda de leituras do

desenvolvimento desigual e combinado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia; Escala, Teórico-metodológica;

**ABSTRACT:** This article approaches theoretical-methodological reflections from Lukacsian ontological perspective to geographic interpretation. The text aims to establish reflections for geographic science from analysis of the scale of understanding of the universal-particular-singular dialectic in the process of understanding reality as totality. The theme of scale is very diverse and relevant to geographic science, pertaining to issues ranging from the numerical-cartographic scale, scale with a spatial fragment dissociated from the time scale, issues of scale planning and fragment state actions from State, as well as the discussion on the scale of disparate geographical development, derived from readings of uneven and combined development.

**KEY-WORDS:** Geography; Scale; Theoretical-methodological;

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva levantar a reflexão do papel da escala como instrumento

1. O presente trabalho faz parte de uma construção que se desdobrou a partir de reflexões e parte de outro trabalho apresentado no Encontro da Associação Nacional da Pós-Graduação em Geografia – ANPEGE que ocorreu em 2017 na cidade de Porto Alegre – RS.

teórico-metodológico de compreensão da Geografia a partir da análise categorial do movimento universal-particular-singular, o que perfaz para as reflexões da analítica lukacsiana, o entendimento da totalidade em seu movimento. Essa objetivação parte do pressuposto de que o(s) conceito(s) ou noções de escala na Geografia não dão conta de compreender a realidade do movimento das coisas em suas múltiplas determinações, ou quando se aproxima, os faz de forma antidualética a partir dos pressupostos positivistas, neopositivista, estruturalistas e mesmo pós-estruturalistas, em virtude de noções que negligenciam a totalidade dos processos levando em conta somente a fragmentação, fato evidenciado nas reflexões de Coutinho (2010) ao analisar o neopositivismo, o estruturalismo e a miséria da razão contida nos pressupostos existencialistas.

Na Geografia escala em enquanto categoria de análise foi e ainda é associada à concepção de escala cartográfica, numérica, matemática. Essa noção dificulta a resolução do problema da escala, conforme nos aponta Castro (1995), quando traz à tona o problema da escala como um problema epistemológico da ciência geográfica.

A noção ou conceito de escala é polissêmico e muito difuso no pensamento geográfico, não havendo uma interpretação única sobre o conceito, tampouco uma conceituação própria da geografia, o que para alguns é um dos problemas no que se refere a escala.

Vários são os autores que debatem a perspectiva da escala na geografia como Lacoste (2011), Racine, Raffestin e Ruff( 1983), Castro (1995), Valenzuela (2004), Melazzo e Castro (2007), Horta (2013), Santos (1997), Smith (1988; 2002) e também bem diversificadas são as interpretações da mesma. Concepções que analisam a escala como cartográfica, como nível hierárquico, como rede e como relação. Perspectivas que entendem a escala como conceito epistemológico e, portanto, como uma representação espacial e outras que a entendem numa perspectiva ontológica de entidade espacial intrínseca, enquanto realidade produzida socialmente para além dos cortes epistemológicos.

Esse trabalho se insere na tentativa de debater o problema da escala geográfica, questionando-a como uma ferramenta interpretativa da realidade para além das visões epistemológicas, mas, sobretudo, no viés ontológico e categorial. Para além dos números e quantificações cartográficas a escala é uma produção social, realidade produzida, como assinala Smith (2002) e que podemos utilizá-la como um instrumento analítico do pensamento para a compreensão da realidade espacial.

Buscamos compreender o movimento teórico-metodológico da escala como possibilidade de apreensão dos processos reais a partir do movimento categorial<sup>2</sup> particular-singular-universal. Desse modo, faremos um breve resgate histórico da noção de escala na ciência geográfica e alguns apontamentos iniciais da dialética

---

2. Entendemos as “categorias como formas de ser, determinações da existência” no sentido marxiano.

universal-particular-singular<sup>3</sup>.

## 1 | O CAMINHO DA NOÇÃO DE ESCALA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: AS TESSITURAS DE UM DEBATE.

A noção de escala na Geografia entrecruza diretamente as abordagens veiculadas pela geografia clássica tratando da escala, na maioria das vezes enquanto elemento cartográfico, numérico e matemático. Castro (1995) nos alerta que grande parte das discussões acerca do problema da escala se dá a partir de três questões cruciais. A primeira é identificada a partir do entendimento análogo entre escala cartográfica e geográfica. O segundo se refere a problemática teórico-metodológica da escala. O terceiro se dá em torno da noção concepção de escala como elemento de entendimento do real, ou seja, instrumento de definição do campo empírico da pesquisa, entrecruzando inclusive a dimensão espaço-temporal do objeto investigado.

Grande parte dos problemas oriundos da concepção de escala paira sobre a diferença entre escala geográfica e cartográfica e como assinala Racine, Raffestin e Ruff (1983) da falta de consciência da dialética destas na análise dos pesquisadores. Além disso, temos problemas entre os níveis de análise e fenômeno, entre homogêneo e heterogêneo e absoluto e relativo no que concerne a dimensão espaço-tempo. Muitos geógrafos atribuem e confundem a noção de níveis com medidas, dimensões. Os fenômenos ocorrem em determinados níveis, mas possuem determinações gerais oriunda de processos amplos de desenvolvimento, oriundos de conjecturas maiores de entendimento do real, ocorrendo de forma específica nos lugares.

A geografia clássica se debruçou em muitas de suas análises na dimensão empírica dos processos como é o caso dos reducionismos analíticos entre uma geografia cosmológica, corológica, ideográfica e nomotética. Esses reducionismos analíticos levaram a problemas metodológicos que permeiam até hoje e contribuíram inclusive em fragmentações da realidade e do objeto de investigação da Geografia a partir de subdivisões entre uma geografia geral e regional.

A problemática da escala em uma dimensão metodológica faz-se necessária no intuito de compreender a mesma para além da dimensão empirista e mesmo abstrata. Possibilitando assim compreender a escala como totalidade.

Outra problemática recorrente no debate escalar está associada a dimensão espaço-temporal de entendimento do real. A escala não pode ser compreendida fragmentando essa noção espaço-temporal do movimento do mundo. A escala possui “também uma medida, mas não necessariamente um fenômeno” (CASTRO, 1995, p. 127). Há quem diga que grande parte da problemática em torno da escala ocorre em

---

3. Assinalamos por fim que tanto as categorias universal-particular-singular, assim como a categoria da totalidade e do concreto, não são criações das subjetividades dos pesquisadores, elas têm existência independente destes, cabendo a estes desvenda-las para uma melhor contribuição do entendimento da realidade em sua relação aparência-essência.

virtude da Geografia não possuir um conceito próprio de escala.

Na geografia clássica a noção de escala esteve condicionada a escala cartográfica, portanto, uma representação da realidade a partir de um mapa. Essa atribuição colocou em cheque e no centro do debate o processo fragmentário e abstrato da realidade. A confusão teórica e metodológica oriunda da associação da escala como componente cartográfico eclodiu no falseamento da realidade, objetivado a partir de uma visão reducionista e cartesiana proporcionada pelos mapas a partir de visões empiristas da realidade. O mapa destaca Castro (1995) não passa de um movimento conceitual, ele é uma expressão empírica.

Desse modo, a escala numérico-matemática foi outra importante ferramenta de apreensão da realidade, principalmente na Geografia quantitativa, onde os números, modelos, quadros ditavam a explicação do movimento das coisas. Esse mote acabou por padronizar e homogeneizar as relações sociais e espaciais em todos os lugares, desqualificando as diferenças espaciais e suas especificidades, os lugares, regiões, territórios eram menosprezadas em virtude dos modelos estatístico-matemáticos de apreensão da realidade.

Essas diversas concepções oriundas no debate na história do pensamento geográfico levaram diversos autores a questionarem o problema da escala na Geografia, objetivando debater acerca do movimento escalar de compreensão do espaço geográfico.

A visão da escala cartográfica difundida na Geografia clássica corroborou no alargamento das dimensões espaciais do mundo, refletindo de forma efetiva no problema do tamanho da superfície terrestre, bem como da visão cartesiana do mundo. Os mapas foram difundidos como verdades absolutas a partir de representações da realidade, o que aglutinou visões equivocadas e distorcidas da realidade.

Esse panorama por qual a Geografia caminhou, pautado a noção de escala na perspectiva cartográfica, numérico-matemática corroborou em distorções da realidade, colocando a discussão de escala na geografia como um problema epistemológico e metodológico.

Após a identificação dessa problemática alguns autores se debruçaram a questionar e discutir a escala, como Castro (1995), Lacoste (1988; 2013), Horta (2013), Smith (1988), dentre outros que passaram a refletir sobre a concepção de escala na geografia a partir de outras formas de abordagens.

Essas abordagens levaram esses autores a não dissociarem espaço e tempo, conforme nos aponta Braudel (2007), onde delimita a noção do tempo como algo não linear; a perceber que a escala cartográfica é apenas uma representação do real com base em um recorte específico previamente delimitado pelo pesquisador e com isso proporem várias frentes de compreensão da noção de escala, além de ampliar o debate para as perspectivas multiescalares (LENCIONE, 2008).

Lacoste (2011), no capítulo intitulado '*As interseções de múltiplos conjuntos espaciais*', atentava para as dificuldades de apreendermos a realidade somente em

função de um conjunto espacial dissociado do todo. De acordo com este autor:

Cada um desses conjuntos não fornece mais do que um conhecimento extremamente parcial da realidade. De fato, esses conjuntos espaciais são representações abstratas, objetos de conhecimento e ferramentas de conhecimento produzidos pelas diversas disciplinas científicas. (LACOSTE, 2011, p.67).

Para a superação deste problema, Lacoste (2011) propunha a necessidade de inter-relação das diferentes escalas de análise para a compreensão do real. De fato, a problemática escalar é bem cara a geografia, tanto nas reflexões teóricas quanto no exercício da prática, nos trazendo indagações de como identificar qual escala melhor se adéqua a intervenção das políticas estatais (políticas territoriais) e qual a escala nos proporciona uma melhor compreensão da realidade a ser analisada. Em suas reflexões sobre o planejamento e ordenamento do território, Fischer (2008) destaca que devemos analisar a escala de intervenção não só espacialmente, mas também em sua dimensão temporal.

Mesmo com as perspectivas críticas a noção de escala de cunho positivista e neopositivista, as problemáticas a cerca da escala continuaram e continuam. Exemplos podem ser dados a partir dos críticos da análise da macroescala. De fato, a maior parte dos estudos de análise da macroescala pecam em ficarem muito abstratas, generalistas, com poucas mediações com o local, as microescalas, sobretudo as das relações de poder articuladas ao debate do território e da região. As críticas são pertinentes e podemos identificar que grande parte do debate da macroescala são leituras estruturalistas ligadas ao economicismo sem as mediações necessárias para o entendimento do concreto.

Horta (2013), em excelente apanhado sobre a discussão da escala, em artigo denominado *escala espacial e geografia: pela transposição da região*, apresenta interessantes contribuições sobre a problemática escalar, levantando problemas inclusive da insatisfatória relação entre escala e espaço, sobretudo no que concerne a questão da região na macroescala. Nesse sentido, o autor se propõe a fazer uma contribuição para leituras multiescalares da região, assinalando que “a região deve possuir uma posição escalar de maior amplitude na geografia”.

Nas reflexões de Horta (2013) Haesbaert (1995, 2007) e Claude Raffetin (1993) trouxeram grandes contribuições para o debate do território e de sua condição multiescalar. Pautados na discussão das relações de poder, sobretudo nas microescalas, estes autores evidenciam processos e sujeitos que de certa forma ficam ocultados no debate da macroescala. Também trazem evidências do debate da política perante o debate econômico.

No entanto, por mais que façam à crítica, os teóricos da microescala também reproduzem o que negam, ou seja, ao fincarem tanto a atenção ao micro e na política, inserem entre “parênteses” a realidade econômica<sup>4</sup> e o grande peso que esta tem

4. Entendemos que o real é concreto, pois é a síntese de múltiplas determinações. Neste sentido é a relação dialética entre fatores econômicos e extraeconômicos, entre condições objetivas e subjetivas, sendo necessário buscarmos aquilo que Marx denominava de momento predominante.

na política e na reprodução social e caem numa leitura estruturalista de forte viés “politicista”<sup>5</sup>. Assim como não conseguem estabelecer as mediações entre o micro e o macro, acabam também caindo num singularismo empirista dos lugares sem as devidas mediações com as abstrações universais que compõem a realidade. Podemos observar isso nas inúmeras leituras do intra-urbano dissociadas de relações mais amplas, nas leituras múltiplas das micro relações de poder dissociadas do poder do Estado e sobretudo, do capital.

Desta forma, percebemos avanços sobre a leitura da escala, mas também permanecem velhos ranços metodológicos de se analisar a realidade na aparência ou mesmo por cortes epistêmicos manipulados da realidade.

A necessidade dessa inflexão-regressão foi no sentido de apresentar algumas diferentes perspectivas de se tratar a escala, suas limitações para assim pensar como a escala pode contribuir para dar suporte a geografia como um instrumento teórico-metodológico de entendimento da realidade, a partir do movimento universal-particular-singular.

Compreender o movimento da realidade nessa perspectiva é entender a realidade em suas múltiplas determinações que trazem o jogo dialético do indivíduo (singular), muitas vezes morto na leitura da geografia das estruturas que elimina os sujeitos, e o gênero humano (universal) e a concretização que o indivíduo tem com a sociedade (particular). Essa compreensão é fundante para uma concepção escalar que nos proporcione a produção do espaço.

## **2 | A ESCALA UNIVERSAL-PARTICULAR-SINGULAR COMO PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA A PRODUÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA**

A compreensão da realidade no movimento universal-particular-singular nos exige entender que o concreto é síntese de múltiplas determinações, unidade na diversidade.

Como assinala Marx (2011), no debate sobre o concreto:

O concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, portanto, também o ponto de partida da intuição e representação. (...) (MARX, 2011, p.54).

Esse proceder evita que façamos determinações abstratas da realidade e transformemos o real como resultado do pensamento em si. Como assinala Marx (2011)

---

5. Essa expressão é denominada do politicismo elaborada por Chasin (2000, p.123). O fenômeno do politicismo segundo este autor é tomar e compreender a totalidade do real exclusivamente pela sua dimensão política. “Enquanto falsificação teórica e prática, o politicismo é um fenômeno simétrico ao economicismo”.

As determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso, Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo; enquanto o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como concreto mental. Mas de maneira alguma é o processo de gênese do próprio concreto. (MARX, 2011, p.54).

Nesse sentido, o universal deve ser entendido como uma abstração, o particular como um concreto real (mediação) e o singular como um empírico abstrato. É o movimento de apreensão do abstrato ao concreto, a busca das abstrações concretas em sua dialética, evitando assim, cairmos num materialismo vulgar e mesmo num subjetivismo sem mediações históricas.

Reafirmando a dialética abstrato – concreto assinalamos conforme Lukács (2012, p.314) que:

a dialética é incompreensível para quem não é capaz de colocar-se acima daquela visão primitiva da realidade, segundo a qual só se reconhece como materialidade, aliás como objetividade existente, a coisidade, atribuindo todas as demais formas de objetividade (relações, conexões etc.), assim como todos os espelhamentos da realidade que se apresentam imediatamente como produtos do pensamento (abstrações etc.) a uma suposta atividade autônoma da consciência. Neste sentido a análise marxiana traz como inovação seu modo de tratar a abstração sendo estas abstrações concretas.

O movimento dialético das abstrações concretas se dá justamente na apreensão nas mediações e processos contidos na realidade. Sendo a particularidade (o concreto), a mediação, a escala de compreensão entre o universal abstrato e o singular, movimento semelhante ao debate da região na geografia que é tida por algumas reflexões como a mediação entre o geral e o singular.

A compreensão da realidade numa perspectiva de apreensão das medições e de processos que compõem a mesma exige o entendimento de uma escala espaço-temporal enquanto totalidade e nas múltiplas determinações que compõe o concreto.

Smith (2002) propõe uma teoria política da escala geográfica, isto é, uma análise que nega a visão do espaço como um mosaico, ou seja, a escala como uma totalidade. Um exemplo disso seria a escala no capital que compreende a relação e as mediações que vão do corpo ao mundo, o que nos permite apreender a realidade no movimento universal-particular-singular. Para esse autor (2002), um acontecimento não é somente local, ou mesmo global, ocorrem em todas as escalas ao mesmo tempo, só que com intensidades diferentes. Ainda acrescenta que:

Gran parte de la confusión en las construcciones contemporáneas del espacio geográfico surge de un dilatado silencio sobre la cuestión de la escala. La teoría de la escala geográfica – correctamente, la teoría de la producción de la escala geográfica – está enormemente subdesarrollada. Efectivamente, no existe ninguna teoría social de la escala geográfica, sin mencionar El materialismo histórico. El cual todavía juega una parte crucial en nuestra construcción geográfica global de la vida material. La represión brutal de la plaza de Tianamen ¿fue un evento local, un evento regional o nacional, o fue un evento internacional? Podríamos razonablemente asumir que fueron todos, los cuatro, lo cual inmediatamente

refuerza la conclusión de que la vida social opera y construye algún tipo de espacio habitado jerarquizado en lugar de un mosaico. ¿Cómo concebimos críticamente las varias escalas habitadas?, ¿cómo mediamos entre ellas y las interpretamos?. Más aún ¿cómo conceptuamos semejante interpretación que en cierto modo concentra las prácticas sociales y la política diseñadas para destruir la intención opresiva y explotadora del espacio jerarquizado? El idealismo de los estudios “locales” oficiales reside en la suposición de que esta interpretación se realiza simplemente mediante la afirmación del privilegio de “lo local”, en lugar de efectuar su relacionalidad con otras escalas espaciales (SMITH, 2002, p. 141).

As reflexões contidas na citação são fundamentais para apreendermos o movimento da realidade e as mediações que vão do universal, perpassando pelo particular e o singular. Também é fundamental a crítica ao estruturalismo<sup>6</sup> e pós-estruturalismo nos analistas do corte micro da realidade. Para Smith (2002), além da escala ser uma construção delimitada pela sociedade, suas diferenciações também se dão devido a estrutura geográfica das interações sociais, assim:

Las diferentes sociedades no sólo producen el espacio, como Lefebvre nos ha enseñado, ellas también producen la escala. La producción de la escala puede ser la diferenciación más elemental del espacio geográfico y es en toda su extensión un proceso social. No hay nada ontológicamente dado sobre la división tradicional entre hogar y localidad, escala urbana y regional, nacional y global. La diferenciación de las escalas geográficas establece y se establece a través de la estructura geográfica de interacciones sociales. Con un concepto de escala como producido, es posible evitar por una parte el relativismo que trata la diferenciación espacial como un mosaico, y por otra evita la reificación y la acrítica división de escalas que reitera un fetichismo del espacio. En otras palabras, debería llegar a ser posible, insertar las “reglas de interpretación” que nos permitan no sólo entender la construcción de la escala en si misma, sino la manera en la que el significado se traduce entre las escalas. En este sentido, como evento global la Plaza de Tiananmen tiene um significado muy diferente que como evento local. Ambos son claramente coincidentes, aunque no idénticos, pero ¿cómo determinamos esta diferencia y homología del significado? Sin resolver algunas de estas preguntas, un entendimiento más sistemático de la diferencia geográfica, y desde aquí hacia la diferencia de modo general, continuará bloqueado. (SMITH, 2002, p. 141).

As reflexões estabelecidas por Smith (2002) nos permitem entender o movimento do real a partir das diferentes mediações e processos que o compõe e nos abre a perspectiva de entender a partir do desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo proposta por Harvey (2005) em sua geografia histórica do capitalismo. Este autor volta sua atenção para o entendimento global do processo de acumulação capitalista, visando a explicação da produção do espaço, sendo o materialismo histórico um excelente caminho.

Ao desenvolver suas reflexões sobre a teoria do desenvolvimento desigual, ressaltando a dialética da diferenciação e equalização geográfica e da escala espacial e o movimento do capital, Smith (1988) nos oferece fortes perspectivas de compreensão da realidade no movimento que vai do micro ao macro fato que pode ser enriquecido com a leitura do universal-particular-singular.

Partir dos processos e mediações concretas é tarefa fundamental no sentido de

---

6. Para uma crítica aprofundada buscar: COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

evitarmos a reprodução de modelos abstratos ou tipos ideais e ao mesmo tempo não caiamos em um empirismo singular da realidade. Grande parte das reflexões sobre a escala adentram essas armadilhas, ou fazem leituras universais-abstratas dissociadas do singular, ou ficam num híper-singularismo apartado das universalidades. E mesmo em alguns casos tratam o singular como se fosse o particular e como se este não tivesse vinculação com o universal. Isso é evidente nas leituras na geografia que trata do poder local e das escalas micro, os estudos das cidades médias sem as devidas mediações com o movimento da totalidade que é permeado pela política, pela cultura, pela economia, nos faltando evidenciar o “momento predominante” dessas mediações.

Para compreendermos o movimento da dialética universal-particular-singular, faz-se necessário observarmos a assertiva de Lukács (2013) onde:

É preciso ter sempre claro que tanto a universalidade como a singularidade são categorias ontológicas dos próprios objetos e processos, que tanto a universalização como a singularização constituem, em primeira linha, processos reais cujos resultados são mimeticamente reproduzidos nas formações ideais correspondentes. Mas seria leviano tirar da constelação ontologicamente existente nesse ponto, a saber, que a essência é um predomínio da universalidade, enquanto ao fenômeno acresce um movimento na direção do singular e particular, a conclusão de que, nessa relação, estaria expressa de modo unívoco a verdadeira relação da essência com seu fenômeno. Antes de tudo: a universalidade e a singularidade também são determinações de reflexões, isto é, elas entram em cena de modo simultâneo e polarizado em cada constelação: todo e qualquer objeto sempre é simultaneamente um universal e um particular. Por essa razão, embora o mundo fenomênico – posto em relação com a essência enquanto universalidade permanente – represente um mundo da singularidade movimentada, ele igualmente deve produzir ontologicamente as suas próprias universalidades, assim como as universalidades da essência reiteradamente se revelam também como singularidades. (...). (LUKÁCS, 2013, p.391).

Acitação anterior é fundamental, sobretudo para entendermos que a concretização entre o universal e o singular é a categoria da particularidade. É como se esta fosse uma mediação escalar entre o que existe de mais universal e abstrato com o que há de mais singular. Outro fato importante é entender que tanto particular pode se tornar em um universal, que o diga a forma não clássica de entificação do capital nos Estados Unidos, que se transformou em um universal em escala global. Assim como universais também podem se particularizar e dentro de uma particularidade surgir novos universais, numa escala que abre para as contingências.

Ao partirmos do particular em sua dialética com o universal-singular como pressuposto metodológico, podemos compreender inclusive que a própria teoria do desenvolvimento desigual e combinado (que vai além da leitura somente econômica) está incluída dentro desse sistema categorial.

A categoria da particularidade é dessa forma de extrema importância para a compreensão da realidade, nos permitindo compreender a mesma tanto na dimensão das microrelações, bem como suas conexões com o macro, que é unificada pelo capital. Desta forma, podemos estudar desde a espacialização diferencial do capitalismo no espaço global, como as relações de poder, a política, e mesmo as múltiplas

determinações presentes na dialética das relações econômicas e extraeconômicas.

Para tanto devemos nos apoiar nos procedimentos teórico-metodológicos assinalados por Lukács (1978), ao discutir o particular à luz do materialismo histórico-dialético. De acordo com Lukács,

A ciência autêntica extrai da própria realidade as condições estruturais e as suas transformações históricas e, se formula leis, estas abraçam a universalidade do processo, mas de um modo tal que dêste conjunto de leis pode-se sempre retornar – ainda que frequentemente através de muitas mediações – aos fatos singulares da vida. É precisamente esta a dialética concretamente realizada de universal, particular, singular. (LUKÁCS, 1978, p.88).

Tal proceder, aliado a relativização dialética do universal e do particular, nos permite uma aproximação concreta da realidade. Neste caso, Lukács (1978, p.92) assinala que,

[...] em determinadas situações concretas êles se convertem um no outro, em determinadas situações concretas o universal se especifica, em determinada relação êle se torna particular, mas pode também ocorrer que o universal se dilate e anule a particularidade, ou que um anterior particular se desenvolva até a universalidade ou vice-versa. [...].

Esse proceder nos permite não ficarmos somente nas abstrações idealistas, trazendo a possibilidade de chegarmos aos nexos concretos<sup>7</sup> sem necessariamente negarmos as abstrações. Ou seja, nos permite compreendermos a partir de uma apreensão escalar o movimento das relações que vão do micro ao macro e virse versa, assim como não ficarmos em leituras abstratas e gerais ou leituras singularistas e empiristas.

Essa perspectiva analítica nos permite, por exemplo, de entender a espacialização das forças produtivas capitalistas no Brasil, assim como em algumas unidades federativas do mesmo articulando o que existe de universal no movimento do capital e o que existe de específico da formação socioeconômica brasileira. Permite-nos á leituras da expropriação do corpo no movimento amplo de espoliação do capital. Permite-nos a partir das leituras extraeconômicas como a política, a alienação, a ideologia e a violência, compreendermos que essas se afirmam e reafirmam como uma forma de reprodução social, que queiramos ou não, na atual perspectiva histórica de nossas existências é a reprodução ampliada da sociabilidade do capital. Como entendermos os conflitos no campo, com as mais diversas minorias (indígenas, quilombolas, comunidades de fundos de pasto, agricultura familiar etc.) sem as mediações com a sociabilidade do capital no seu movimento escalar? A nosso vê somente com uma grande mágica epistemológica de deixar a realidade de “lado” para a construção de uma realidade narrada pelo pesquisador.

Até mesmo os discursos culturalistas não podem negar que a cultura como um

---

7. O concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, portanto, também o ponto de partida da intuição e representação. (MARX, 2011, p.54).

complexo social que está hierarquicamente submetido a (re)produção (categorias filosófico-econômicas) sociais estão numa realidade determinada historicamente, ou seja, não existe enquanto realidade paralela e portanto está submetidas a lógica do capital, seja para reafirmá-la ou negá-la.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate escalar no campo do conhecimento geográfico é bastante demais amplo e está longe de entrar em consenso. Reflexões que perpassam também por diferentes perspectivas teórico-metodológicas de entendimento do real vão auferir diferentes significados a questão escalar nessa ciência.

A diversidade em relação as concepções que analisam a escala variam: da cartográfica, como nível hierárquico, como rede e como relação; perspectivas que entendem a escala como conceito epistemológico e, portanto, como uma representação espacial e outras que a entendem numa perspectiva ontológica de entidade espacial intrínseca, enquanto realidade produzida socialmente para além dos cortes epistemológicos.

O intuito principal presente no corpo deste texto foi o de levantar questões e contribuições para um debate da escala numa perspectiva ontológica que compreenda o movimento da realidade na perspectiva da dialética universal-particular-singular. Esse movimento nos permite compreendermos a realidade enquanto totalidade para além das perspectivas fragmentadas, além de permitir um estudo partindo do concreto, das mediações que perfazem o movimento do abstrato ao concreto, abstrações concretas.

A categoria da particularidade é, nesse contexto, a mediação escalar entre o universal abstrato e o singular, é o concreto real, síntese de múltiplas determinações, fato que nos permite a superação de entender a realidade somente pelo empirismo ou do outro lado somente pelas abstrações gerais.

O entendimento da dialética universal-particular-singular nos permite assim, o entendimento da realidade enquanto totalidade em movimento, o concreto enquanto síntese de múltiplas determinações, unidade na diversidade, fato fundamental para a superação das analíticas estruturalistas, a-históricas e anti-humanistas que constroem uma visão escalar como um mosaico, uma soma das partes.

Neste sentido, concluímos este breve escrito reafirmando a necessidade de buscarmos a dialética escalar do movimento universal-particular-singular como procedimento de compreensão da realidade e sobretudo pelo viés geográfico de compreensão do mundo.

## REFERÊNCIAS

- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. Tradução J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- CASTRO, I. E. O problema da escala. In: Castro, I. E. et al. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand, 1995.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- HORTA, Célio Augusto da Cunha. **Escala espacial e Geografia: pela transposição da região**. Geografias artigos científicos, vol.9, nº2, 2013.
- LACOSTE, Yves. **A geografia** – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra; tradução Maria Cecília França. –19ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- LUKÁCS, Gyorgy. **Introdução a uma estética Marxista: sobre a categoria da particularidade**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. – São Paulo: Boitempo, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LENCIONI, Sandra. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. **Revista de Geografia Norte Grande**, n. 39, p. 7-20 (2008).
- MARX, Karl. **Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858 – esboços da crítica da economia política**. São Paulo, Boitempo; Rio de Janeiro: Ed: UFRJ, 2011.
- MELAZZO, E. S.; CASTRO, C.A. A escala geográfica: noção, conceito ou teoria? In: **Terra Livre 29** – A geografia no tempo de novos conhecimentos do espaço!, Presidente Prudente/SP: AGB, ano 23, v.2, p.133-142, 2007.
- RANCINE, J.B.; RAFFESTIN, C.; RUFFY, V. Escala e ação, contribuições para uma interpretação do mecanismo de escala na prática geográfica. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, v.45, n,1, p.123-135, jan./mar.1983.
- SMITH, Neil. Geografía, diferencia y lãs políticas de escala. In: **Terra livre**, São Paulo, ano 18, n. 19; p. 127-146, jul./dez. 2002.
- \_\_\_\_\_. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-80-2

